



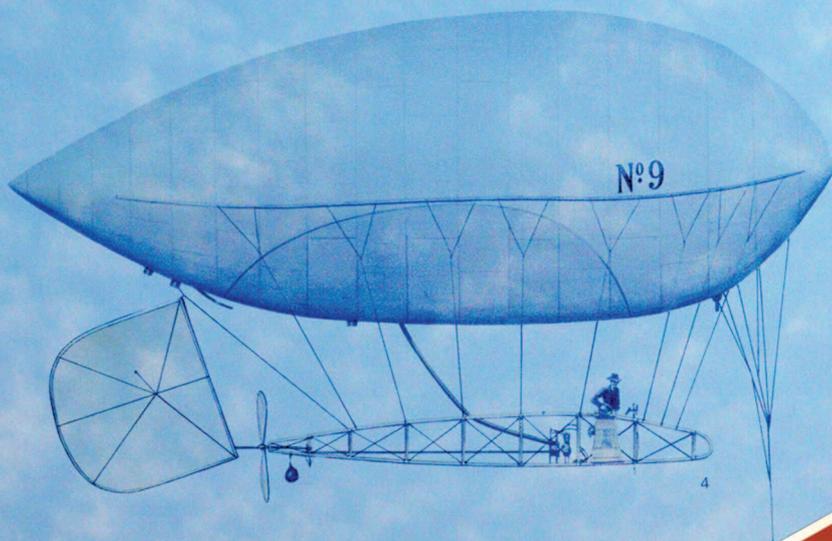
revistafidelidade@terra.com.br • ano 5 • outubro/2006 • nº 49 • R\$5,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**



Santos Dumont e o Espiritismo



A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 REFLEXÃO

A VIDE E OS SARMENTOS

Ensinamentos de Jesus

6 MEDIUNIDADE

ROMANCES MEDIÚNICOS - PARTE I

Esclarecimentos quanto à qualidade dos textos mediúnicos

14 CAPA

SANTOS DUMONT E O ESPIRITISMO

Mensagem Espírita anuncia a invenção do avião

22 ESTUDO

SURGE “IRMÃO X”

O caso de Humberto de Campos

27 COM TODAS AS LETRAS

NÃO SE APERTE COM A CRASE

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO **MSN**
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentovistafidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



Quase tudo que se pode observar no mundo exterior nasce de forças ocultas aos olhos humanos.

No subsolo terrestre, por exemplo, tanto pode surgir a água que serve à vida quanto a lava que arrasa coletividades.

Do mesmo modo, a flor que balsamiza e o espinheiro que fere, nascem de sementes que lhes servem de matrizes dentro da terra. Valendo-nos destas imagens, será possível constatar que, no intercâmbio mediúnico, o campo fluídico, constituindo um dos componentes necessários ao fenômeno, nasce, primeiro, no mundo interior do próprio intermediário.

Mediunidade é sintonia.

Sintonia significa conjugação de ondas.

E as ondas brotam das profundezas do ser, onde se localiza o foco de forças psíquicas, responsável pela atmosfera fluídica que caracteriza cada um.

Como toda pessoa apresenta oscilações dentro de um campo de idéias em que gravita, é compreensível que as relações fluídicas, necessárias ao intercâmbio, não se estabeleçam de forma instantânea logo nas primeiras tentativas e exercícios.

A qualidade, na comunicação mediúnica, requer tempo, disciplina, estudo e paciência.

Por essa razão, além do devido preparo no campo teórico, caberá ao mediano analisar o seu mundo interior, a fim de avaliar as condições fluídicas que oferece ao intercâmbio.

Que pensamentos cultivas?

Que emoções carregas?

Que idéias alimentas?

Tenta responder, para ti mesmo, a estas questões, porque todo médium é responsável pela sintonia que estabelece, cabendo a cada um cultivar, no solo da alma, as sementes da caridade e a água limpa do amor, para que os resultados colhidos externamente não se limitem à curiosidade inútil, mas conduzam a uma reflexão capaz de ensejar paz, consolação e luz.

Augusto

LEVY, Clayton. Mediunidade e Autoconhecimento. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br (19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

A Vide e os Sarmentos

“Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o viticultor. Toda a vara em mim que não dá fruto, Ele a corta; e a vara que dá frutos Ele a limpa para que dê mais abundante. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. Permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como a vara não pode dar fruto de si mesma, se não permanecer na videira, assim nem vós o podeis dar se não permanecerdes em mim. Aquele que permanece em mim e no qual eu permaneço, dá muito fruto, pois sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, é lançado fora como a vara, e seca-se; semelhantes varas são ajuntadas, lançadas ao fogo, elas ardem”

Evangelho

Conforme vemos pelo trecho acima, Jesus apresenta-se nesta alegoria em suas relações íntimas com os discípulos e com Aquele que o enviou a este mundo. Compara-se à vide, sendo o Pai o viticultor, e os apóstolos, os sarmentos.

A videira com as respectivas varas encarnam, pois, a igreja viva do Cristo tem sua unidade perfeita. Sua missão, como a da vide, é produzir frutos. Abstraindo-nos da frutificação, tanto a vide como a igreja nada representam. A finalidade de uma e de outra está nos frutos. Estes, na vide, pendem dos sarmentos, porém, os sarmentos, de si mesmos, nada produzem, de vez que sua fertilidade decorre de certo elemento vital fornecido pela cepa que, a seu turno, absorve-o do seio da terra através das suas raízes ali mergulhadas.

A seiva, portanto, que é a vida da videira como o sangue é a vida do corpo animal, prefigura o poder vivificante que o Cristo de Deus transmite aos que, em verdade, se

dispõem a seguir-lhe as luminosas pegadas.

A prova, por conseguinte, de que estamos com Ele, de que realmente somos varas intregradas na vide, verificar-se-á nos frutos que produzamos. Frutos de espiritualidade, de abnegação e renúncia, de bondade e de justiça.

O sarmento destacado da cepa destaca-se também dos demais, porque é na videira que eles encontram o ponto de mútuo contacto.

Outro tanto sucede com aqueles que se divorciam do Cristo: quebram a unidade da igreja, separando-se dos seus irmãos. É em Cristo Jesus, em sua escola e em seus preceitos éticos que se há de consumir, um dia, a união entre os homens. Ele é o centro de convergência, é a força aglutinadora que congregará a Humanidade, destruindo as causas de separação que, até aqui, a têm mantido desunida e desagregada. “Quando eu for levantado, atrairei todos para mim.”

O homem nada é, considerado

isoladamente. Ele é parte do Todo. Quanto mais identificado com a unidade, tanto mais produzirá. O isolacionismo é uma das formas mais funestas do egoísmo. A ideologia das ditaduras, expressa na fórmula – cada nação deve bastar-se a si própria -, é uma quimera perigosa e estúpida, pois, isolando os povos, acoroça entre eles o sentimento de supremacia, fermento gerador de rivalidades que culminam nas guerras sanguinolentas e cruéis como essa que ora acaba de lançar a Humanidade na ruína e no caos.

Deus é fonte eterna da vida em todas as suas modalidades de ener-

e de angústia.

Oxalá os responsáveis pelos destinos desta Humanidade aproveitem a lição, ganhando a paz, depois de terem ganho a guerra.

As varas estéreis, diz a parábola, serão cortadas e lançadas ao fogo, o que vale dizer que os elementos insanos, obstinados no mal, ficarão entregues a si próprios, ardendo no fogo do remorso originado dos delitos cometidos. As varas produtivas serão limpas, isto é, se desvencilharem, através de experiências e provas, de todos os laivos de impureza, a fim de que produzam mais abundantemente.

Deus é fonte eterna da vida em todas as suas modalidades de energia e de produção

gia e de produção. Jesus é seu Ungido para estabelecer o liame entre o céu e a terra, o espírito e a matéria, o humano e o divino. Tal é o sentido destes dizeres: Eu sou a videira, vós sois as varas, e meu Pai é o viticultor. Nesse entrosamento está o Alfa e o Ômega.

O homem isolado da comunidade é vara destacada da vide: esteriliza-se e seca. Esta assertiva é uma realidade tanto no que se diz respeito ao indivíduo como no que concerne às nações. Se a política isolacionista, outrora vigente na América do Norte, não mantivesse por tanto tempo os Estados Unidos separados das demais nações, ter-se-ia evitado a conflagração atual que acabou por submergir o planeta num mar de sangue, de lágrimas

Conforme vemos, existe, de fato, perfeita analogia entre a videira e a igreja viva do Cordeiro de Deus. Apenas uma diferença formal as distingue: diferença essa que convém acentuar, de vez que encerra grande ensinamento: a vida tem suas raízes entranhadas no seio da terra de onde a seiva que transmite aos sarmentos. A igreja do Cristo tem suas raízes voltadas para cima, mergulhadas nas esferas celestiais, fonte inexaurível de vida espiritual que vai absorvendo e transfundindo naqueles que a ela se acham incorporados. ■

Fonte:

Vinícius. *Na Seara do Mestre*. Págs. 82 – 85. Feb. 2000.

Romances Mediúnicos - Parte I

por Yvonne do Amaral Pereira

“A primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.”
“A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada Santamente, religiosamente.”

(Allan Kardec – “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XXVI, 8 e 10.)



Freqüentemente, amigos nossos, igualmente afeitos às lides espíritas, solicitam-nos esclarecimentos sobre o modo pelo qual são ditados, do Além, os romances sempre tão atraentes, da já vasta bibliografia espírita.

- Tomarão, os autores espirituais, da mão do seu aparelho mediúnico, tão-somente? Indagam aqueles observadores – Atuarão também sobre o cérebro de seu intérprete, seguindo a linha conhecida da faculdade psicográfica? Servir-se-ão da audição, porventura? Talvez da intuição?...

De princípio, afirmaremos que dependerá, racionalmente, da classificação do médium, tal como nela explicam as obras básicas da Doutrina, podendo, portanto, um romance porvir do Além através daquelas vias mediúnicas e também pela inspiração, e até pela incorporação, para que alguém escreva enquanto o aparelho receptor, ou o médium, dita, sob impulso do ser comunicante. Não obstante, acrescentaremos que, além da psicografia mecânica, da semimecânica, da intuição e da audição, etc., poderão verificar-se, num ditado mediúnico, para romance, pelo menos, outros meios igualmente concludentes e detalhados, que ao próprio médium fortalecem na fé e nas corajosas disposições que lhe serão indispensáveis ao melindroso mister, ao passo que um mundo novo, um novo horizonte e uma sociedade rica de belezas e harmonias se desvendam para seu espírito, encantando-o, até ao indefinível, com uma felicidade diferente de tudo o que na Terra se conhece por esse nome, inconcebível,

portanto, aos atendimentos que não a tenham penetrado.

Tratando-se de um ensaio complexo, preferiremos sobre o assunto afirmar somente aquilo que particularmente nos disser respeito, visto ignorarmos particularidades de recepção mediúnica de outros instrumentos. Assim sendo, começaremos declarando que – receber obras mediúnicas, quer se trate de romances ou não, se para alguns médiuns constitui missão, como presenciarmos suceder a Francisco Cândido Xavier, para outros constituirá provação e resgate de algo mal interpretado ou realizado no passado reencarnatório. Nessa última categoria

Letras e ao Belo, razão pela qual, na atualidade, possuirá aptidão para obter do Espaço obras superiores aos seus próprios conhecimentos do presente.

No entanto, quer se trate de missão ou provação, o que é certo para todos os médiuns é a tremenda responsabilidade que assumem no dia em que colocaram o seu nome e a sua personalidade no seio de um movimento dessa natureza.

Não desejamos abordar a indicação, por assim dizer, necessária a um médium, a fim de servir de instrumentação fácil sob direção dos amigos espirituais que dele desejarem utilizar-se, para labores mediúnicos em geral. Como tão

Receber obras mediúnicas, para alguns médiuns constitui missão, para outros constituirá provação e resgate

ria nos colocamos a nós mesma, pois não ignoramos sejam resgates as terríveis peripécias que temos sustentado e vencido até agora, para conseguir apresentar, à bibliografia espírita, a pequena contribuição que nos tem cabido. De outro modo, verifica-se tratar-se de um dom especial, pois o médium psicógrafo, simplesmente, não se prestará ao feito literário mediúnico se não trouxer nos meandros psíquicos, além dessa, também a qualidade de “literário”, como tão bem definiu Allan Kardec. O médium literário do momento, portanto, teria sido escritor em vidas pregressas ou, pelo menos, um intelectual inclinado às

bem apontou o grande educador espiritual Emmanuel: “Há, nos reinos do espírito, leis e princípios, novas revelações e novos mundos a conquistar. Isso, entretanto, exige, antes de tudo, paciência e trabalho, responsabilidade e entendimento, atenção e suor”¹. O que implicará renovação, severos trabalhos de reforma interior, de parte do candidato a intérprete dos Espíritos.

Certamente, não ignoramos que a faculdade mediúnica, em si mesma, independe de qualidades morais excelentes, ou de virtudes, visto que Allan Kardec, assim como os Espíritos elevados que lhe revelaram a Doutrina Espírita explicaram que

¹ “Seara dos Médiuns”, Cap. 5, pág. 23

MEDIUNIDADE

até mesmo um médium analfabeto pode escrever belas páginas de literatura. Todavia, o mesmo Kardec classificou de **muito raros**, quase excepcionais mesmo, tais médiuns, e nós outros, os espíritas em geral, com a longa experiência adquirida

no aprendizado diário, também temos constatado que, se é fato que a faculdade mediúnica, em si mesma, independe de qualidades morais excelentes, os feitos edificantes que pode ela produzir somente advém, no entanto, após renovação geral de

seu portador, ou, pelo menos, após a demonstração, de parte deste, de boa vontade em se harmonizar com a Espiritualidade superior, mediante a observância de severos deveres e disciplinas.

Por outro lado, não conhecemos nenhum médium verdadeiramente analfabeto que apresentasse obra literária escrita, embora tenhamos conhecimento de alguns poucos exemplos desses, havidos na história da mediunidade². Parece-nos, mesmo, que tal fenômeno será cada

...os Instrutores Espirituais preferirão que os seus instrumentos se apliquem a boas leituras e estudos em geral



² Na cidade de Lavras, Minas Gerais, durante o período 1926-1930, conhecemos como médium do Centro Espírita de Lavras uma senhora de cor, cujo coração boníssimo soube muito bem assimilar a Doutrina dos Espíritos, mas analfabeta, pois mal sabia assinar o próprio nome e apenas lia, com grande esforço, as preces contidas no final de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Chamava-se Eugênia da Conceição e residia numa travessa da antiga rua do Cônego. Recebendo em memoráveis reuniões realizadas por aquele Centro, presididas então pelo Coronel Cristiano José de Souza e o seu Vice-Presidente, Sr. Augusto Paiva, o Espírito do Padre Vítor, através da incorporação, essa médium fazia os mais belos discursos filosóficos e de alta moral que jamais ouvimos, os quais, às vezes, levavam trinta minutos e mais ainda, lembrando, efetivamente, o sermão de um sacerdote, no púlpito das igrejas. Recebia, também, o Espírito do Dr. Augusto José da Silva, que igualmente discursava de modo edificante, embora apresentando assunto e estilo diversos. Ao receber Espíritos sofredores, essa médium admirável, já falecida, relatava aos presentes a vida no Além-Túmulo, descrevendo-a como André Luiz hoje no-la tem revelado, e de tal forma o fazia que estas manifestações se tornavam altamente elucidativas e instrutivas para os adeptos. Tais discursos, no entanto, apresentavam freqüentes erros de português, visto que, médium analfabeta, não oferecia maleabilidade suficiente aos Espíritos comunicantes para uma transmissão mais completa. ▶

vez mais raro, tendendo a desaparecer. Temos compreendido que, dadas às dificuldades a vencer para o ditado mediúnico da literatura, os Instrutores Espirituais preferirão que os seus instrumentos se apliquem a boas leituras e estudos em geral, a observações e meditações profundas, o que não deixaria de estabelecer um preparo prévio, uma indicação, a fim de adquirirem e arquivarem cabedais capazes de tornar sua mente maleável e obediente ao escritor espiritual. Isso, porém, não é tudo, pois, como ficou dito, sem um ressurgimento de valores pessoais no íntimo do próprio médium, nada se conseguirá de apreciável, por não se haver ele ajustado às faixas vibratórias aptas ao feito. Seria igualmente errôneo o julgamento de que pessoas muito ilustradas e doutas seriam melhores instrumentos para um escritor da Espiritualidade do que um simples estudioso, um autodidata, destituído de títulos e diplomas. Não! Sabemos, porque ficou dito pelos maiores do Espiritismo, que o cérebro menos assoberbado de teorias e sistemas preconcebidos se presta melhor aos ditados espíritas mediúnicos, não só por positivar o fato mais concludentemente, como também porque, graças à sua singeleza, não seria interceptada, ou desfigurada, com idéias pessoais, alguma revelação nova que adviesse em contraposição a teorias que deveriam ser renovadas, antes a traduziria sem mesclas nem preconceitos, porque, assim, não possuiria barreiras mentais capazes de impugnar um noticiário que fosse contrário às opiniões já implantadas pela cultura daquele



que muito se demorou no recesso das Academias.

Desde o aparecimento da Codificação, queixam-se as entidades

dispõe a transmitir algo que vive ou existe nas regiões felizes do Invisível, as quais desconhece porque, quando desencarnado, ele, o médium, não as pudera atingir, e tam-

queixam-se as entidades espirituais da deficiência do vocabulário humano para expressar a palavra dos Espíritos

espirituais elevadas da deficiência do vocabulário humano para expressar a vertiginosidade da palavra dos Espíritos, das dificuldades, das barreiras contra o que lutam nossos Guias para descreverem as grandezas do mundo invisível. Quem é médium transmissor de revelações e ditados instrutivos de qualquer natureza, especialmente romances desenvolvidos no Além, sabe das torturas psíquicas indefiníveis a que se vê submetido quando o seu instrutor se

bém sabe que isso a que denominamos “tortura”, à falta de outro qualificativo mais exato, não atinge somente a si próprio, mas também ao Instrutor comunicante, que se entregará a disciplinas mui penosas a fim de se conseguir fazer compreender, as disciplinas a que só se anima pelo muito amor a causa das Verdades Eternas e pelo cumprimento de um sagrado dever. Por isso mesmo, entristecemos-nos quando alguns oradores, empolgados pelo ardor da

MEDIUNIDADE

própria palavra, ao emitirem opiniões meramente pessoais, vão ao extremo de atacar os médiuns com suposições e críticas impróprias e humilhantes, revelando dessarte o pequeno conhecimento da causa que tentara defender, e também leviandade na apreciação de um campo delicado e complexo, que requer mais serenidade e espírito de observação, para ser devidamente estudado.

É certo que o estudo da mediunidade deverá ser acompanhado de cautelosas pesquisas para que se possam remover as numerosas dificuldades de que comumente se rodeia, como deslindar as múltiplas causas que a poderão desfigurar, levando-a mesmo ao ridículo e à nulidade tratando-se de uma faculdade, por assim dizer, celeste, destinada a realizações imprevisíveis, conviria aos seus detratores – pois o há mesmo dentro da grei espírita – antes de investigá-la com espírito de proteção e fraternidade do que depreciá-la com observações desanimadoras e anti-doutrinárias. Ora, as modalidades de meios de comunicação com o Invisível têm preocupado ultimamente certos pensadores, que levam os códigos do Espiritismo mais como passatempo do que mesmo com o sincero desejo de realmente aprender. Algumas dessas modalidades, consideradas “novidades”, criticadas por uns, incompreendidas por outros, negadas por muitos, relegadas por alguns a título de “fantasias do cérebro de médiuns ignorantes”, são, não obstante, tão antigas, e já conhecidas dos velhos po-



vos do passado, como são a psicografia, a incorporação e as demais, estudadas por Allan Kardec e seus colaboradores.

Ninguém há que ignore a singular faculdade mediúnica de João, o Evangelista, dentre outras que possuiria o chamado “discípulo amado”, cujo espírito era **arrebatado do corpo material** durante o transe lúcido de desdobramento, era alçado ao Espaço e, uma vez ali, via Jesus – a quem chamava de Senhor – e com ele conversava, recebendo preciosas instruções. O que, porém, Jesus dizia ao seu discípulo seria não somente **ouvido**, mas também **visto** por João, pois a palavra do Mestre tomava forma, transforma-se em fatos e ocorrências diante do Apóstolo, depois do que o próprio Senhor Jesus o mandava escrever em livro tudo quanto presenciara. Daí surgiu o célebre livro “Apocalipse”, o último dos belos volumes de que se compõe o Novo Testamento de Jesus-Cristo, obra essencialmente mediúnica não muito clara à compreensão vulgar, em virtude de sua feição esotérica e das dificuldades com que o Divino Mestre, ou um de seus agentes, teria lutado para tentar transmitir o transcendentalismo profético servindo-se do vocabulário e das imagens da época, bem mais deficientes do que as atuais, como foi o caso, por

exemplo, para descrever a aviação moderna, tão claramente ali revelada, não obstante a deficiência das imagens³.

Tão bela faculdade não foi isolada, ou particular a João. Os Profetas do velho Testamento sucintamente explanaram os mesmos por menores, afirmando, com frequência, que eram **arrebatados em espírito**, repetindo sempre:

- “O Senhor disse, e eu vi ...”

Ao passo que os médiuns atuais não cessam de afirmar que **vêm quadros fluídicos, através de descrições dos seus Instrutores desencarnados, ao receberem obras, mensagens vistas e não apenas escri-**

tas, avisos de futuras ocorrências narradas em cenas vivas, principalmente de morte próxima de algum ser amado, e romances e revelações novas.

E não somente com os médiuns declaradamente espíritas tais fenômenos se verificam. A vida de cada criatura está repleta desses fenômenos, embora a maioria não ligue ao

fato a devida importância. Igualmente, a vida de muitos artistas célebres – médiuns quase todos, sem o saber, alguns demonstrando mesmo faculdades positivas -, enumera fatos idênticos: visões, transportes em corpo astral, **ou arrebatamento do espírito**, de que trata João. Contam que Vincenzo Bellini, o grande compositor italiano, durante um sono que tudo indica tenha sido um transe letárgico, ou um estado de sonambulismo, “sonhou” que assistia uma festa no “Céu”. De lá mesmo, onde pairava, o seu espírito temporariamente afastado do corpo, isto é, do local feliz do Invisível onde se encontrava – certamente algum pon-

O célebre livro “Apocalipse” é obra essencialmente mediúnica, porém não muito clara à compreensão vulgar

to de reunião de Espíritos artistas – aciona o corpo, que dorme, e escreve a ária vitoriosa da sua ópera “Norma”, pois que a anterior fora vaiada durante a récita de estréia.

Na empolgante obra “No Invisível”, Léon Denis cita o caso do pintor alemão Alberto Dürer, o qual, preocupado por não se sentir inspi- rado para a criação de um quadro

³ Apocalipse, 9:1 a 21.

⁴ “Água-furtada”

– Sótão, pequena dependência de uma casa, localizada imediatamente sob o telhado, muito usada na Europa, como residência pobre. Alberto Dürer

– Célebre gravador, pintor, escultor e arquiteto alemão. Nasceu em Nurenberg, em 1471, e aí morreu em 1528. Aliou a uma imaginação de espantosa riqueza um colorido perfeito e, principalmente, uma incomparável mestria de desenho. Exímio no retrato, embora mostrasse preferência pelos assuntos impressionantes.

MEDIUNIDADE

que reproduzisse os quatro evangelistas, debruça-se na janela da sua “água-furtada”, na cidade de Nurenberg, Alemanha, e faz sua invocação aos poderes espirituais ⁴. Pouco a pouco, desenham-se no espaço, a sua vista materializadas, as quatro figuras que ele desejava pintar. A riqueza dos tons luminosos que envolvem essa obra-prima dos

céus clareia a parte da cidade alcançada pelo artista da janela da sua humilde habitação, e este, deslumbrado, plenamente harmonizado com as vibrações das esferas artísticas da Pátria Espiritual, pode observar os pormenores do modelo insólito concedido por seus amigos do mundo invisível.

Daí a reproduzi-lo mais tarde,

obedecendo ao capricho dos claros e das sombras, da harmonia das cores e da pureza das linhas seria fácil, pois Alberto Dürer é um grande artista, um sensitivo, cujas vibrações penetram as camadas superiores do Invisível, e aquela visão sublime se decalcou nos refolhos da sua alma, e em formas indelévels, o que lhe permitiu reproduzir a obra em toda a sua magnificência”.⁵

Não raro, o mesmo estranho fenômeno se verifica com os médiuns espíritas em relação às obras românticas que lhes concedem os mentores espirituais. Quadros belíssimos, seqüências admiráveis de cenas coloridas, detalhes singulares, etc., tudo sublimado por um jogo de luzes indescritível, são fornecidos àqueles no momento em que recebem a obra, ou antes da sua recepção, quando do transe letárgico provocado por seus Instrutores durante o preparo da mesma e a adaptação do médium para o feito. Dá-se mesmo o fato de que, algumas vezes, uma só obra terá dois autores – **um que a conta, ou narra em cenas, no Espaço, e outro que a escreve mais tarde, através da psicografia.**

Neste caso, ao transcrevê-la sob assistência do seu amigo invisível, o médium já conhece a história porque a viu narrada no Além, o que muito facilita a recepção escrita, pois, ou dela se recorda, caso seja instrumento muito lúcido, impressionável, ou, quando menos, a conserva arquivada na subconsciência, caso a faculdade não disponha da

Alberto Dürer é um grande artista, um sensitivo, cujas vibrações penetram as camadas superiores do Invisível



⁵ Em ocasiões tais, verifica-se uma espécie de hipnose sobre o sensitivo: mais tarde ou mais cedo ele reproduzirá, fatalmente, o que o Invisível lhe fornece, embora auxiliado, ainda, pelo mesmo Invisível, ou pelos seus amigos e protetores espirituais. ▶



é comum o médium se emocionar ante as belezas que à sua visão se rasgam em cenas indescritíveis

propriedade de reter lembranças ao despertar do primeiro transe.

Dentre outros médiuns de que temos notícias, além de nós mesma, pois esses fatos nos são muitos comuns, convirá destacar Francisco Candido Xavier, por ser o mais popular e o mais acreditado no conceito geral. Confessa ele que, ao receber da entidade espiritual Emmanuel o livro “Paulo e Estevão”, assistiu, deslumbrado, à cena da aparição do Nazareno a Saulo de Tarso, na estrada de Damasco, quadro fluídico criado **pela palavra es-**

piritual (vibração mental, poder do pensamento e da vontade sobre fluidos existentes no Universo) do autor da obra, que a está ditando psicograficamente, e a qual se converteria na mais bela obra pelo Espaço concedida aos Homens depois da codificação da Doutrina Espírita. Comovido, o médium não suporta tanta grandeza patenteada à sua visão. Abandona o lápis, interrompendo o ditado. Prostra-se de joelhos e chora as mais sublimes lágrimas que seus olhos conheceram. Aliás, é comum o médium se emo-

cionar ante as belezas que à sua visão se rasgam em cenas indescritíveis, quando, muito concentrado no trabalho, favorecido por ambiente feliz e afastamento completo das coisas deste mundo, ele se dá ao labor do ditado mediúnico. Muitas vezes, nós mesma temos interrompido nossos trabalhos, ante ao encantamento da sutil beleza espiritual com que nossos Guias nos mimoseiam, a fim de nos entregarmos ao pranto feliz e comovido que o mundo ainda desconhece. Parece que o médium, em tais ocasiões, tem as suas sensibilidades gerais elevadas ao máximo, pois se não vibrar unísono com o autor da obra não conseguirá realizar o feito. Daí o porquê de um instrumento mediúnico obter obras de poucos autores, pois o trabalho é sempre melindroso e difícil, exigindo o máximo de qualidades harmoniosas de um e de outro, tais como amor à causa, vontade, pureza de intenções, humildade, paciência, perseverança, desinteresse de toda e qualquer natureza, mormente o desinteresse monetário, renúncia e até mesmo espírito de sacrifício, o que deixa entrever não ser fácil a um encarnado assim comungar, tão intensamente, com entidades elevadas da Espiritualidade.

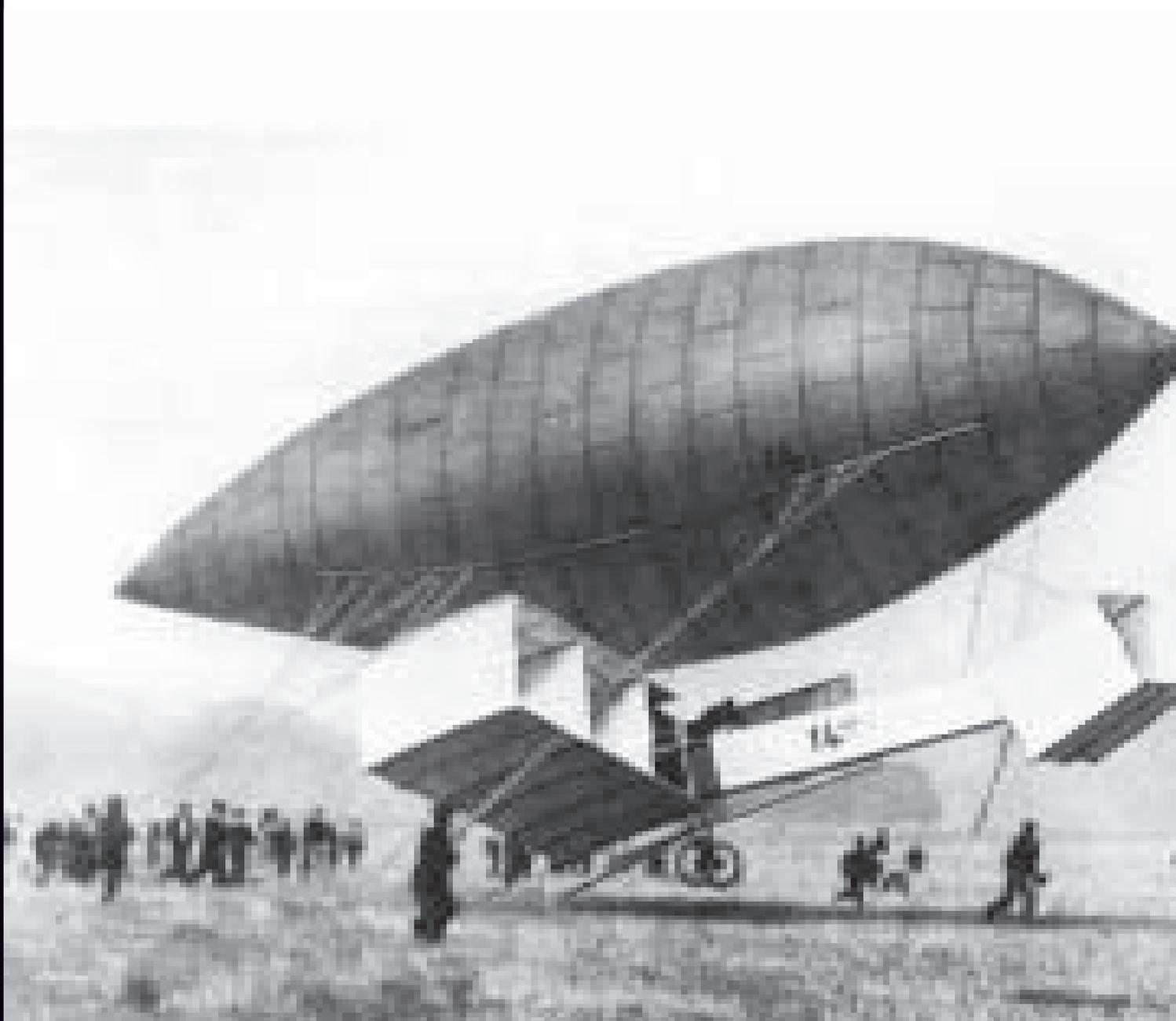
...CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*.
Págs. 138 a 173. Feb.

Santos Dumont e o Espiritismo

MENSAGEM ESPÍRITA ANUNCIA A INVENÇÃO DO AVIÃO





Ao registrar o centenário do heróico feito de Santos Dumont, que no dia 23 de outubro de 1906 voou pela primeira vez com o 14 BIS, a Federação Espírita Brasileira (FEB) rememora um outro fato histórico, que relaciona Dumont com o Espiritismo: a mensagem do Espírito Estevão (Etienne) Montgolfier (1745-1799) anunciando a descoberta do avião.

Santos Dumont iniciara suas experiências com o balão “Brasil”, em 4 de julho de 1898; prosseguiria, em setembro do mesmo ano, com o “Santos Dumont no 1”; e, apesar de alguns acidentes, continuou os experimentos com outros balões, até que construiu o dirigível nº 6, com o qual contornou a Torre Eiffel, em Paris, no dia 19 de outubro de 1901. Com esse feito, demonstrou a dirigibilidade dos balões e recebeu o prêmio Deutsch, de 100.000 francos-ouro. O coração generoso de Dumont já se anunciava aí: distribuiu todo o dinheiro do prêmio entre seus mecânicos e os pobres de Paris.

Já consagrado mundialmente, Santos Dumont veio ao Brasil em 1903. Ao passar pelo Rio de Janeiro, a FEB, por intermédio do seu presidente, Leopoldo Cirne, entregou-lhe em mãos um ofício datado de 12 de setembro de 1903, acompanhado do exemplar da revista Reformador de 1º de agosto de 1883. Naquela data, a revista da FEB publicara uma

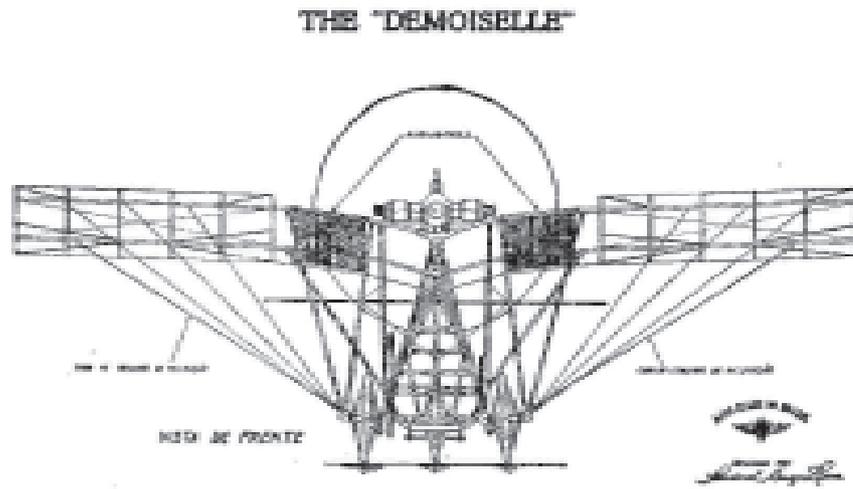
mensagem mediúnica profética, sobre seu futuro invento. Assinada pelo Espírito Jacques-Etienne Montgolfier, a mensagem havia sido recebida em 30 de julho de 1876 (quando Dumont tinha três anos de idade), na cidade de Silveiras (SP), pelo médium Ernesto Castro. Montgolfier foi um dos pioneiros da navegação aérea.

Observe que a mensagem mediúnica não trata dos balões (mais leves que o ar). O Espírito, literalmente, da invenção do avião (o mais pesado que o ar). Trinta anos antes, os Espíritos já falavam da velocidade, do motor e das características dos futuros aviões. Um ano depois do vôo do 14-BIS, Santos Dumont inventaria sua obra-prima, um avião leve que até hoje é o modelo para todos os aviões: a *demoiselle*. Transparente, elegante e pesando somente 40 quilos, o pequeno avião foi comparado pelos franceses a uma libélula. Foi o primeiro avião a ser fabricado em série no mundo: fruto, mais uma vez, do desprendimento de Santos Dumont. O inventor do avião jamais cobrou direitos autorais e pessoas de todos os continentes podiam construir aviões iguais aos dele e encher os ares com os pássaros mecânicos.

Leia a seguir:

- o ofício da FEB
- a mensagem de Etienne Montgolfier
- a biografia de Montgolfier





OFÍCIO DA FEB A SANTOS DUMONT

(Fonte: Reformador de setembro de 1956, p.12(200-13(201) – Artigo “A Predestinação de Santos Dumont”, de Almerindo Martins de Castro.)

”Rio, 12 de Setembro de 1903. Prezado e ilustre patrício Sr. Alberto Santos Dumont:

Consenti que ao coro de unânimes e afetuosas saudações, com que é justamente festejado o vosso regresso à pátria, se venha as-

testemunho da nossa Sociedade que, ao contrário, por força mesmo dos seus ideais espiritualistas e humanitários, não se pode de modo algum desinteressar das conquistas do século e dos benefícios que à causa do progresso humano trazem os seus colaboradores, em cujas fileiras vos reservou a Providência tão assinalado posto.

Filhos desta abençoada terra

que temos acompanhado o vosso esforço perseverante, na absorção do gênio e da predestinação, por dotar a Humanidade com os benefícios dessa conquista, com que, immortalizando-vos, enobreceis ao mesmo tempo a nossa Pátria. Não enxergueis nestas expressões o intuito de vos estimular sentimentos de vaidade que, por fortuna vossa, parece serem alheios ao vosso espírito, revestido, ao contrário, da modéstia e do desinteresse característicos do verdadeiro missionário.

Se algum outro fim temos em vista, além das saudações fraternais que vos trazemos, é o de oferecer-vos, como um documento que particularmente nos parece dever interessar-vos, o número do Reformador de 1 de Agosto de 1883, jornal que no ano seguinte começou a ser órgão da nossa So-

não se pode de modo algum desinteressar das conquistas do século

sociar, por seus diretores abalizados, a Federação Espírita Brasileira. E não vos pareça estranho, pela índole de suas cogitações, este

da Santa Cruz, cujos gloriosos destinos nem sequer pode sonhar a descuidosa geração contemporânea, é com verdadeiro interesse

cidade, tal se conservando até agora, como vereis da coleção deste ano, que igualmente vos oferecemos.

Ali se encontra uma comunicação espírita, ditada quando apenas contáveis 3 anos de idade, a qual, recebida por um médium que ainda vive, parece que se entende convosco. Ignoramos quais sejam as vossas idéias acerca desta nova ciência que na gloriosa França, como por toda a parte, conta

os mais esclarecidos e dedicados cultores. Sabemos, entretanto, pelas referências dos jornais a vosso respeito, que sois uma alma crente, alcandorando-vos nos transportes da prece, quando, nas arriscadas ascensões, expondes a vossa vida; e pois, sem nenhuma preocupação de proselitismo, temos unicamente em vista ministrar-vos esse esclarecimento acerca da providencialidade da vossa missão na Terra.

Ali se fala, é certo, de “pássaro mecânico”, superior aos balões, meros “exploradores e precursores da admirável invenção”. Não se entenderá, porém, com os balões cativos esta alusão? Assim nos parece, tanto mais que, não somente o vosso invento tem o valor da conquista definitiva do ar, como a data da comunicação confirma a anterioridade do vosso nascimento.

Guardai, pois, esse jornal, ao menos como uma afetuosa e espontânea recordação dos vossos irmãos espíritas do Brasil, e permiti-nos que, abraçando-vos, vos exortemos a que, de par com a simplicidade e modéstia que vos distingue, e tão bem vai nas almas crentes, conserveis sempre em Deus essa confiança, que é o segredo dos vossos triunfos, e serenidade de ânimo, e será o da vossa glorificação, não aos olhos dos homens, o que bem pouco vale, mas aos desse mesmo Deus, que é a nossa força, o nosso amparo e a razão única da nossa própria existência.

Se vos agradar continuardes a receber a nossa modesta folha, enviainos o vosso endereço em Paris.

E crede sempre nos cordiais e fraternos sentimentos dos vossos sinceros irmãos em Jesus.

Leopoldo Cirne, presidente;
Geminiano Brazil de O. Goes, vice-presidente;

Albino Gonçalves Teixeira, 1º secretário;

Nilo Fortes, 2º secretário;

Ulysses de Mendonça, 3º secretário;

Pedro Richard, tesoureiro.”





MENSAGEM MEDIÚNICA

(Fonte: Reformador de setembro de 1956, p. 9(197))

Em 30 de julho de 1876, em Silveiras (SP), o médium Ernesto Castro recebia espontaneamente a seguinte mensagem do Espírito Estêvão Montgolfier:

“Vencer o espaço com a velocidade de uma bala de artilharia, em um motor que sirva para conduzir o homem, eis o grande problema que será resolvido dentro de pouco tempo. Essa máquina poderosa de condução não há de ser uma utopia, não. O missionário, que traz esse aperfeiçoamento à Terra, já se acha entre vós. O progresso da aviação aérea, que tantos prosélitos tem achado e tantas vítimas há feito, não está, portanto, longe de realizar-se.

O aperfeiçoamento de qualquer ciência depende do tempo e do estado da Humanidade para recebê-lo. A locomotiva, esse gigante que avassala os desertos e vence as distâncias, será um insignificante invento ante o pássaro colossal, que, qual condor dos Andes, percorrerá o espaço, conduzindo em suas soberbas asas os homens de vários continentes.

Os balões, meros exploradores e precursores da admirável invenção, nada, pois, serão perante o belo e portentoso pássaro mecânico. Esse Deus de bondade e de misericórdia, que nada concede antes da hora marcada, deixa primeiramente que seus filhos trabalhem em procura da sabedoria, e depois que eles se têm esforçado em descobrir a Verdade, aí então lhes envia um raio de sua divina luz. Já vêem, ó mortais, que a navegação aérea não será um sonho, não, mas sim uma brilhante realidade.

O tempo, que vem próximo, vos dará o conhecimento desse estupefacente motor. Brasil, tu que foste o berço dessa grande descoberta, serás em breve o país escolhido para demonstrar a força dessa grandiosa máquina aérea. Eis o prognóstico que vos dou, ó brasileiros!”

ÉTIENNE E JOSEPH MONTGOLFIER – BIOGRAFIA

Os irmãos Joseph Michel Montgolfier (26 de Agosto de 1740 – 26 de Junho de 1810) e Jaques Étienne Montgolfier (6 de Janeiro de 1745 – 2 de Agosto de 1799) foram inventores

fabricante de papel (a fábrica é a Canson, que até hoje é uma das companhias mais tradicionais e modernas do mundo) de Annonay, sul de Lyon, França. Consta que, em uma ocasião,

raram que o saco flutuava. Com isso, descobriram que poderiam finalmente realizar o grande sonho da humanidade, o de voar. Passaram então a fazer diversos experimentos com diversos materiais até construírem um balão prático.

Os irmãos Joseph e Étienne Montgolfier, foram inventores que construíram o primeiro balão tripulado em 1783.

No dia 5 de junho de 1783, exibiram publicamente um balão que possuía 32 m de circunferência e era feito de linho que foi enchido com fumaça de uma fogueira de palha seca, elevou-se do chão cerca de 300 m, durante cerca de 10 minutos voando uma distância de aproximadamente 3 quilômetros. ▶

que construíram o primeiro balão tripulado no ano de 1783.

Os irmãos eram filhos de um

quando os irmãos brincavam com um saco de papel aberto invertido sobre o fogo, eles repa-



Joseph Michel Montgolfier



Jacques Etienne Montgolfier



Em 1709, o Padre Jesuíta brasileiro Bartolomeu de Gusmão teria conseguido a ascensão em um balão

No dia 19 de setembro de 1783, perante o Rei Luís XVI e a Rainha Maria Antonieta, Joseph Montgolfier repetiu sua experiência, o balão voou por 25 minutos com dois ocupantes (Pilatre de Rozier e François Laurent) percorrendo mais ou menos 9 quilômetros.

Muitos não consideram Étienne e Joseph Montgolfier como os inventores do balão quente. Em 1709, o Padre Jesuíta brasileiro Bartolomeu de Gusmão teria conseguido a ascensão em um balão cheio de ar quente, portanto quase 80 anos antes dos irmãos franceses Montgolfier.

O invento de Montgolfier ao que tudo indica, segundo as revistas francesas *Nouvelle Europe* e *L'Aeron* do início do século XX, foi mera cópia do aerostato de Gusmão, uma vez que, após sua fuga para a Espanha, deixou seus planos inventivos com seu irmão e notável cientista Alexandre de Gusmão. Sabe-se que quando Alexandre esteve em Paris, manteve estreitas relações de amizade com o cientista José de Barros, que, por sua vez era amigo dos Montgolfier. Não há descrições detalhadas do aparelho, provavelmente porque foram destruídas pela Inquisição, mas alguns desenhos fantasiosos da aeronave estão impressos no periódico *Wienerische Diarium* de 1709. Por causa da ausência de provas, não se sabe se o balão de Bartolomeu de Gusmão chegou realmente a alçar voo. ■

Fonte:

www.febnet.org.br

Surge “Irmão X”

O caso de Humberto de Campos

por Suely Caldas Schubert



“(...) Tenho uma novidade para dar-te. O nosso amigo voltou a escrever, fazendo-se sentir agora com o nome de “Irmão X”. Achei curioso o primeiro trabalho que nos traz, nesta nova fase, e envio-te a cópia que datilografei para mandar-te. Se quiseres publicá-la no “Reformador” poderás fazê-lo, sendo que te envio o trabalho para esse fim.

Emmanuel, pela audição, me recomendou te pedisse, caso julgues oportuna a publicação da mensagem inclusa, que ela seja feita pelo “Reformador”, sem qualquer alusão especial ao fato de o nosso amigo ter-se decidido a usar pseudônimo e nem qualquer referência ao nome

mente assim como te envio, sendo que, segundo Emmanuel me disse, os leitores do “Reformador”, companheiros de coração, entenderão de pronto o assunto, sem necessidade de esclarecimentos escritos, ao mesmo tempo que evitaremos o assédio da grande imprensa, da qual, segundo Emmanuel me disse hoje, temos necessidade de descansar para atender ao que ele denomina “produção mediúnica pacífica e construtiva”. (...)”

Temos assim o esclarecimento de como surgiu o IRMÃO X, pseudônimo adotado pelo espírito Humberto de Campos após o

vidado pela FEB para defendê-la e ao médium, no seu livro “A Psicografia ante os Tribunais” (Ed. FEB).

O processo chamou a atenção de todo o País, pois a família de Humberto de Campos, ao acusar a Federação Espírita Brasileira e a Francisco Cândido Xavier do uso indevido do nome do escritor e de auferirem vantagens monetárias com a venda dos livros, pretendia então que o Tribunal sentenciasse se essa obra literária mediúnica *era* ou *não* do Espírito Humberto de Campos. Em caso negativo, pedia a apreensão de todos os exemplares, proibição do uso do nome do escritor e pagamento de perdas e danos. Em caso afirmativo, isto é, se ficasse provado que o autor era mesmo Humberto de Campos, solicitava que o juiz declarasse a quem pertenciam os direitos autorais, se à família do autor espiritual ou à FEB.

O Dr. Miguel Timponi fez brilhantemente a defesa e recomendamos ao leitor o livro citado, para se inteirar de todo o andamento do curioso processo e da decisão do juiz.

Todavia, não somente a FEB e Chico Xavier sofrem com o episódio. A outra vítima dos comentá-

Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e mais nobres serviços humanos

que usou, como escritor, em nosso meio, poupando-lhe o espírito de novos sabores. Para treinar no que Emmanuel me pediu, não farei mesmo alusão ao antigo nome dele nem mesmo em carta. Peço-te, pois, meu amigo, caso publiques o trabalho, que ele seja apresentado pura-

rumoroso processo que os familiares do escritor desencarnado moveram contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Francisco Cândido Xavier.

Todo esse caso do processo está esplendidamente registrado pelo advogado Dr. Miguel Timponi, con-

os desencontrados, do alarido perturbador que se levantou por toda parte, é Humberto de Campos.

Evidentemente, também ele é atingido. Sendo o centro da questão, o alvo maior dos comentários, recebe vibrações de todos os lados. Acresce ainda a sua preocupação com o seu médium e com a Federação. E se isto não bastasse, imaginemos o seu sofrimento, as suas inquietações em relação àqueles a quem estava ligado por laços de parentesco. São esses sentimentos e emoções que ele extravasa em mensagem psicografada em 15 de julho de 1944:

“Não desconheço minha pesada responsabilidade moral, no momento, quando o sensacionalismo abre torrente de amargura em torno de minha alma.

Recebeu-me a Federação Espírita Brasileira, generosamente, em seus labores evangélicos, publicou-me as páginas singelas de noticiarista desencarnado, concedendo-me o ingresso na Academia da Espiritualidade. E continuei conversando com os desesperados de todos os matizes, voluntariamente, como o hóspede interessado em valer-se da casa acolhedora. (...)

Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da justiça, reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do Direito humano, se eu sou eu mesmo, como se as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração.

Abre-se mecanismo processual e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária e, para isso, recorrem à petição

judicial. Não precisavam, todavia, movimentar o exército dos parágrafos e atormentar o cérebro dos juízes. Que é semelhante reclamação para quem já lhes deu a vida da sua vida? Que é um nome, simples ajuntamentos de sílabas, sem maior significação? Ninguém conhece, na Terra, os

nomes dos elevados cooperadores de Deus, que sustentam as leis universais; entretanto são elas executadas sem esquecimento de um til.

Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e mais nobres serviços humanos.

Quero, porém, salientar, nesta



resposta simples, que meus filhos não moveram semelhante ação por perversidade ou má-fé. Conheço-lhes as reservas infinitas de afeto e sei pesar o quilate do ouro da carinhosa admiração que consagram ao

culos que poderiam surgir. Todos sabiam antecipadamente os riscos que teriam que correr. Tanto Humberto de Campos quanto Chico Xavier e Wantuil de Freitas não estavam alheios aos percalços da

por certo todos foram prevenidos das dificuldades da tarefa, dos prováveis sofrimentos

pai amigo, distanciado do mundo. Mas, que paisagem florida, em meio do mato inulto, estará isenta da serpe venenosa e cruel? É por isso que não observo esse problema triste, como o fariseu orgulhoso, e sim como o publicano humilhado, pedindo a bênção de Deus para a humana incompreensão. (...)

Diante, pois, do complicado problema em curso, ajoelho-me no altar da fé, rogando a Jesus inspire os dignos juízes de minha causa, para que façam cessar o escândalo, em torno do meu Espírito, considerando que se o próprio Salomão funcionasse nesta causa, ao encarar as dificuldades do assunto, teria, talvez, de imitar o gesto de Pilatos, lavado as mãos..." ("A Psicografia Ante os Tribunais", págs. 55 e 56, 5ª ed. FEB.)

Entretanto, se analisarmos mais profundamente essa celeuma que se formou em torno dos personagens desse drama incomum, chegaremos à conclusão de que os envolvidos, em maior ou menor intensidade, deveriam estar cômicos dos obstá-

ingente caminhada da difusão da Doutrina Espírita através da mediunidade com Jesus.

Quando da preparação que antecedeu à reencarnação de Chico Xavier e dos demais companheiros que iriam apoiá-lo na esfera terrestre, particularmente Wantuil de Freitas, por certo todos foram prevenidos das dificuldades da tarefa, dos prováveis sofrimentos, das lágrimas e adversidades que, possivelmente, lhes assinalariam a jornada redentora. Simultaneamente, foi-lhes mostrado a sublimidade da obra a ser encetada, o alcance do trabalho a ser desenvolvido, a importância de toda aquela programação que recebera a inspiração e aprovação direta de Ismael.

O próprio Humberto de Campos diria no prefácio de "Crônicas de Além-Túmulo", datado de 25 de junho de 1937, numa espécie de previsão ou, talvez, com a preocupação de deixar tudo bem esclarecido desde o início:

"Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária a determinada casa editora, obedecendo



a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera, pelo meu grande amigo José Olímpio. A lei já não cogita mais da minha existência, pois, do contrário, as atividades e os possíveis direitos dos mortos representariam séria ameaça à tranqüilidade dos vivos.

“Enquanto aí consumia o fosfato do cérebro para acudir aos imperativos do estômago, posso agora dar o volume sem retribuição monetária. O médium está satisfeito com a sua vida singela, dentro da pauta evangélica do “dai

arbítrio das criaturas, que optam pelos próprios rumos e atitudes.

Assim, não se afastava a hipótese de perseguições soezes, de agressões de toda sorte, porquanto o preconceito contra a Doutrina Espírita era muito grande ainda àquela época, como também porque as trevas tentam impedir a chegada da luz.

Para enfrentar os naturais e previstos óbices da caminhada, todos os envolvidos nessa programação, que tem em Chico Xavier o pólo centralizador, traziam consigo reservas espirituais compatíveis. Quando o problema surgiu, de inopino, foi

Para enfrentar os naturais óbices da caminhada, os envolvidos traziam consigo reservas espirituais compatíveis

de graça o que de graça recebestes”, e a Federação Espírita Brasileira, instituição venerável que o Prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade pública, cuja Livraria vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio de Janeiro pelas suas respeitáveis finalidades sociais, pela sua Assistência aos Necessitados, pelo seu programa cristão, cheio de renúncias e abnegações santificadoras.”

É obvio que não há o determinismo para o mal nas Leis Divinas. Portanto, não consta de qualquer programação, de quaisquer processos reencarnatórios, que uma pessoa esteja fadada a ser elemento de perturbação, que tenha, enfim, a missão de fazer o mal, como se costuma dizer. As coisas se encaminham por força do livre-

normal a reação de perplexidade e dor. Mas, refazendo as energias, refugiam-se na prece e na busca de uma defesa equilibrada, o que conseguiram com muito sucesso por intermédio do Dr. Miguel Timponi e seus colaboradores. A FEB mobilizou-se, ao comando de Wantuil de Freitas, Cercando Chico Xavier de todo o carinho e apoiando-o com os recursos imprescindíveis que o momento exigia.

Em decorrência disso tudo, Humberto de Campos volta a se comunicar trazendo a sua identidade oculta sob o pseudônimo de Irão X. Chico diz então que devem ter prudência em não mencionar o seu verdadeiro nome, atendendo à orientação de Emmanuel. Mesmo porque, o nobre Instrutor reconhe-

OBSERVAÇÃO

ce ser preciso uma pausa, um descanso, com vistas a uma “produção mediúnica pacífica e construtiva”.

“(…) devo dizer-te que, ao sentir-me de novo visitado por esse amigo espiritual, a que nos referimos aqui, experimentei preocupações e receio.

nárias, mais tarde, escrever alguma coisa nesse sentido, o que não poderemos evitar, correrá por conta dos que escreverem semelhantes observações em outros círculos, não achas? Quanto a nós, com a ajuda de Deus, ficaremos em contacto doravante com o “Irmão X”, aman-

que poderão advir novos problemas e dissabores, mas não se esquecerá ou se afastará do seu dever.

Diante desse exemplo de tenacidade, e, sobretudo, de coragem da fé, quedamo-nos a refletir.

Incontável é o número de pessoas de que, conhecendo o labor de Chico Xavier, aspiram a ser também médiuns com os recursos e aptidões que ele, Chico, possui. Mas, bem poucos conhecem o altíssimo preço que têm que pagar no sacrifício e na abnegação, na silenciosa e contínua renúncia de si mesmos.

A sementeira do Bem é sempre árdua e custosa. Esse o preço da felicidade real e definitiva que todos teremos de pagar, um dia, se quisermos conquistá-la.

Quantos de nós não teríamos abandonado o serviço em meio, ao primeiro sinal de tempestade? Quantos teríamos prosseguido, mesmo chorando e sofrendo, humilhados e injustiçados pelos próprios companheiros e pelos inimigos gratuitos?

Quem estará disposto a beber desse cálice? ■

Quantos de nós não teríamos abandonado o serviço em meio, ao primeiro sinal de tempestade?

Por causa das mensagens dele tenho entrado em lutas muito fortes que eu, francamente, não desejaria ver repetidas, embora saiba que é a Vontade do Senhor que deve ser cumprida e não a nossa. Não fugirei, de modo algum, aos meus deveres para com a mediunidade, mas rogo a Jesus para que cessem as lutas de opinião, por vezes tão amargas, não para a minha miserável pessoa que nada vale, mas para o campo de trabalhos de nossa Consoladora Doutrina e para os meus amigos da Federação, dedicadíssimos à luta venerável do bem e que não devo estar perturbando com assuntos desagradáveis. Sei que me compreendes e isto me conforta. Desse modo, se a Federação lançar o trabalho da fase nova desse companheiro espiritual que tanto tem se esforçado pela causa do espiritismo Cristão, reservar-nos-emos quanto à identificação do autor tão-só para as conversações e entendimentos verbais, evitando-se qualquer referência escrita. Se alguém, noutras publicações doutri-

do-o pelo que ele é e pelo que nos traz e não pelo seu nome. Ao enviar-te essa mensagem rogo a Jesus para que esta nova fase dele seja pacífica. Perdoa-me estas considerações (...), mas sinto que, em te escrevendo, não devo ocultar meus estados de alma. (...)

Quando Humberto de Campos retorna à lida, através de psicografia, Chico sente-se receoso. As lutas enfrentadas foram duras e difíceis. Não se sente em condições de recomeçá-las. O tom de desabafo marca as linhas iniciais deste segundo trecho, mas, logo em seguida, Chico assinala que é a “Vontade do Senhor que deve ser cumprida”.

Observemos que ele manifesta, primeiramente, a preocupação que o domina com o retorno de Humberto de Campos. Confessa seus receios e deixa transparecer que está um tanto desgastado pela refrega. Mas, imediatamente, ressalta que não fugirá dos seus deveres para com a mediunidade. Sabe

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 41 - 48. Feb

Não se aperte com a Crase

por Eduardo Martins

Você faz parte das pessoas que acham muito difícil o uso da crase? Que tal deixar esse preconceito de lado e tentar entender **por que** se usa a crase e **quando**?



A tente para o conceito básico: ela é o resultado da fusão da **preposição a** com o **artigo a**. Portanto é preciso existir um artigo **feminino** antes da palavra precedida de crase, que também deve ser **feminina**.

Veja os exemplos: *O jogador voltou à cidade natal.* / *Deu o presente às tias.* No primeiro caso, o **à** indica a fusão da preposição **a** com o artigo singular (*voltou a a cidade natal*). No segundo, o **às** resulta da fusão da preposição **a** com o artigo plural **as** (*deu o presente a as tias*).

Por isso, com uma única exceção (que veremos mais adiante), **não existe** crase antes de **palavra masculina**: *Vou a pé* (e nunca “à” pé). / *Entrou a bordo* (e nunca “à” bordo). / *Viajou a cavalo* (e nunca “à” cavalo). *Fez as compras a prazo* (e nunca “à” prazo).

Há três regras práticas para você saber quando ocorre a crase.

a) Troque por ao. Substitua a palavra antes da qual aparece o **a** ou **as** por outra, masculina. Se o **a** ou **as** se transformar em **ao** ou **aos**, use a crase: *O jogador voltou ao país natal* (*voltou à cidade natal*). / *Deu o presente aos tios* (*deu o presente às tias*).

Veja outros exemplos: *Atentas às condições do tempo, as moças saíram* (*atentos aos problemas do tempo, os moços saíram*). / *Junto à parede* (*junto ao muro*).

b) Mude a preposição. A combinação de outras (que não o **a**) com o artigo feminino **a** (para **a**, na **da** pela e com **a**, principalmente) indica se o **a** ou **as** deve levar crase.

Assim: *Emprestou o livro à amiga* (*para a amiga*). / *Retornou à empresa* (*da empresa*). / *As amigas chegarão às 6 horas* (*pelas 6 horas*). / *Estava à beira de um estresse* (*na beira de um estresse*). /

Chegou às raias da loucura (*nas raias da loucura*). / *Estava à sua espera à saída* (*na sua espera na saída*). / *À falta de* (*na falta de, com a falta de, pela falta de*).

c) Nomes geográficos. Neste caso, recorra às formas **ir para**, **voltar de** ou **chegar de** para identificar a crase. Se o certo for **ir para a** ou **para as**, **voltar da** ou **das** e **chegar da** ou **das**, use a crase: *Foi à França* (*para na França*). / *Irão à Inglaterra* (*para a Inglaterra*). / *Voltou às ilhas Canárias* (*das Ilhas Canárias*). / *Voltou na Brasília* (*de Brasília, assim como para Brasília – sem a; portanto, sem crase*). / *Foi a São Paulo* (*para São Paulo, voltou de São Paulo – sem a; também sem crase*).

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 51. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Buscamos Atentos

“Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça.”
Jesus - (Mateus, 6:33.)

Apesar de todos os esclarecimentos do Evangelho, os discípulos encontram dificuldade para equilibrarem, convenientemente, a bússola do coração.

Recorre-se à fé, na sede de paz espiritual, no anseio de luz, na pesquisa da solução aos problemas graves do destino. Todavia, antes de tudo, o aprendiz costuma procurar a realização dos próprios caprichos; o predomínio das opiniões que lhe são peculiares; a subordinação de outrem aos seus pontos de vista; a submissão dos demais à força direta ou indireta de que é portador; a consideração alheia ao seu modo de ser; a imposição de sua autoridade personalíssima; os caminhos mais agradáveis; as comodidades fáceis do dia que passa; as respostas favoráveis aos seus intentos e a plena satisfação própria no imediatismo vulgar.

Raros aceitam as condições do discipulado.

Em geral, recusam o título de seguidores do Mestre.

Querem ser favoritos de Deus.

Conhecemos, no entanto, a natureza humana, da qual ainda somos partícipes, não obstante a posição de espíritos desencarnados. E sabemos que a vida burilará todas as criaturas nas águas lustrais da experiência.

Lutaremos, sofreremos e aprenderemos, nas variadas esferas da luta evolutiva e redentora.

Considerando, porém, a extensão das bênçãos que nos felicitam a estrada, acreditamos seria útil à nossa felicidade e equilíbrio permanentes ouvir, com atenção, as palavras do Senhor: “Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz